

“UM BATE-PAPO COM MARIA – GABRIELE WOSIEN, CO-CRIADORA DAS DANÇAS CIRCULARES SAGRADAS”¹.

Na tarde do dia 24 de julho de 2017, tive a oportunidade e prazer de entrevistar Maria Gabriele Wosien. Na ocasião M-Gabriele estava proferindo um seminário com o tema: “Meditação em Movimento com os Mantras dos Vedas e Três Danças de Oração Indiana”, em Porto Alegre, organizado por Patrícia Preiss, com a contribuição de Lonise Gerstner na tradução do inglês para o português². Em uma breve apresentação acadêmica de M-Gabriele, podemos destacar que ela estudou língua e literatura russa, na Universidade de Londres e finalizou seu doutorado em 1969, com uma tese sobre o Folclore Russo. Filha de Bernhard Wosien (1908-1986) mestre e coreógrafo que dedicou seus últimos anos de vida no desenvolvimento da Dança Circular Sagrada, um meio para se atingir a meditação em movimento. M-Gabriele é colaboradora e coautora desse projeto do pai, no qual tem dado continuidade após sua morte. Seus estudos sobre as tradições rituais ocidentais e orientais resultaram em várias publicações de livros, filmes e a criação de coreografias autorais. Suas coreografias fazem referência aos arquétipos tradicionais dos movimentos e têm como pano de fundo músicas tradicionais. M-Gabriele tem um interesse especial na origem ritualística e religiosa da dança popular. Utiliza também imagens míticas e símbolos sagrados nos seus estudos. Já realizou diversos cursos de formação, palestras, workshops em diversos países, tanto na Europa Ocidental, como Oriental e na América do Sul. Tem suas obras traduzidas em várias línguas, entre elas, algumas estão traduzidas para o português. Sua contribuição no mundo da dança é com a discussão da dança sagrada na educação, nas artes e no âmbito da religião e da terapia para cura. M-Gabriele é uma pessoa incrivelmente generosa e tem muito a contribuir com os estudos e compreensão sobre a pedagogia das Danças Circulares Sagradas.

As questões elaboradas para a entrevista giram em torno de um interesse pessoal, uma vez que irão colaborar diretamente com minha tese de doutorado em Ciências da Linguagem, no entanto, considerando o grande número de pessoas que praticam a Dança Circular Sagrada no Brasil e o crescente interesse por estudos em

¹ Autoria: Leisi Fernanda Moya. Doutoranda no Programa de Pós-Graduação da UNISUL – Palhoça/SC. Docente efetiva do Instituto Federal Catarinense–Campus Camboriú. E-mail: lasinha2@gmail.com

² Coautoria: Lonise Gerstner contribuiu também com a realização dessa conversa, intermediando na tradução, uma vez que a entrevistadora não domina a língua da entrevistada. Destacamos que além de tradutora, Lonise também é praticante das Danças Circulares Sagradas.

diversas aéreas de conhecimento, envolvendo o tema, consideramos que publicar essa entrevista iria contribuir e muito com as futuras pesquisas. A seguir, as questões e respectivas respostas:

Questão 1: A relação entre as danças de roda e o sagrado vieram dos estudos de Bernhard ou foi uma contribuição sua (M-Gabriele)? Como ocorreu o processo de elaboração coreográfica dele? Sua inspiração vinha de sua experiência com a dança clássica e essa nova descoberta das danças tradicionais, ou havia algo mais que o inspirava?

M- Gabriele: No início dos anos 1950 meu pai redescobriu seu encontro com o folclore, que ocorreu no início de sua vida, quando ainda era estudante. Mais tarde, quando ele estava profissionalmente envolvido em criar uma companhia teatral na Alemanha Oriental (Sorbian Folk Art Ensemble em Bautzen), que usava a dança folclórica como sua base, ele retoma o estudo sobre esse estilo de dança. Em toda sua vida ele estudou os símbolos, mitologia e filosofia. Ele olhava as formas tradicionais como uma expressão de conteúdo. O círculo é a forma mais antiga de estarmos juntos. Quando ele parou de dançar profissionalmente, ele se voltou para o folclore como uma fonte de inspiração para estar com as pessoas, porque ele se tornou um professor. Ele era muito mais um educador na última parte de sua vida. Ele pediu a várias instituições que viessem e fizessem o trabalho educacional com o movimento. Ele conheceu outros artistas, músicos e professores que estavam envolvidos em expressões artísticas e de alguma maneira isso o convenceu de que ele deveria trabalhar com essas formas tradicionais de dança. O seu principal impulso, ou motivação, foi que o final da década de 1960 na Europa, e especialmente na Alemanha, foi marcado por uma transformação da consciência, em vários níveis. Houveram revoltas estudantis, mudanças nas Universidades e muitas influências do Oriente, relacionadas à meditação, chegaram ao Ocidente. Por ele se tornar uma pessoa mais velha, Bernhard Wosien recebeu inspiração de sua própria experiência. O desenvolvimento aconteceu lentamente, analisando formas tradicionais e praticando-as. O corpo, ele dizia, era o modelo para a meditação na cruz, unindo as dimensões vertical e horizontal com todas as possibilidades que existem para criar ângulos para tornar o movimento preciso. Essas reflexões que ele havia aprendido produziram uma espécie de filosofia que ele

chamou de “Meditação em Dança”. Eu ainda não estava tão próxima dele, por tanto, não fazia parte da cena. Ele tentava unir sua experiência de treinamento como bailarino, que ocorria na maioria das vezes na barra, com músicas clássicas, com a nova maneira de ele abordar o folclore. Quando ele encontrou mais grupos de danças folclóricas e começou dar aula na Universidade, ele se perguntou: “O que eu faço com essas pessoas?” Vamos fazer passos simples básicos, em círculo, de uma maneira integrativa. O fato de a meditação ter se tornado uma espécie de slogan inspirador, porque as pessoas falavam sobre a meditação - mas não muito alto porque era estranho meditar – o inspirou a desenvolver esse conceito de Meditação no Movimento. Foi aí que eu comecei me aproximar mais de seu trabalho. Eu havia finalizado minha tese, “que é o que a Leisi está tentando fazer agora”. Tinha tido uma experiência de 4 ou 5 anos de participação na dança de Giros Sufis, do Dervish Turning of the Mevlevi. Vi a abertura de meu pai e perguntei se ele queria aprender essa dança. Ele disse que sim, e eu ensinei. Tivemos uma reunião muito interessante sobre este assunto, porque descobri então que ele tinha essa abertura para a meditação, para o movimento como expressão espiritual, como algo que vai além da religião. Fomos juntos à Turquia e ele presenciou privadamente um ritual de Mevlevi e ficou profundamente impressionado com a espiritualidade das pessoas que conheceu. O poeta que começou essa tradição é Rumi. Os dançarinos se voltam em torno de si mesmos, girando em círculo e também em volta de um círculo grande. E, de alguma maneira, eu e meu pai tivemos um encontro muito bom, entre o meu entusiasmo e sua descoberta de si mesmo. Então, curiosamente, continuei indo para a Índia e meu pai continuou a desenvolver sua dança meditativa. Quando voltei da Índia, em 1975, descobri que ele estava muito envolvido no que estava fazendo, tinha trabalhado muito nisso. Foi quando conhecemos os fundadores de Findhorn³ na Alemanha, onde participavam de uma conferência, Peter e Eileen Caddy. Eu, minha mãe, meu pai e amigos estávamos lá. Foi uma reunião muito agradável, interessante, inspiradora, pentecostal. Meu pai disse: "Venha, isso também será interessante para você". Foi realmente um ponto de virada, porque ambos fomos convidados para Findhorn. A primeira vez que ele esteve na comunidade foi em 1976, onde ele continuou visitando e ensinando até 1985. Ele morreu em 1986. Ele

³ Findhorn é uma Eco vila, comunidade espiritual e centro de formação holística fundada em 1962, na Escócia. Informações disponíveis no site: <https://www.findhorn.org>

apresentou a Findhorn sua maneira de interpretar as danças folclóricas, bem como sua própria apropriação para adágios da música clássica: movimentos lentos, tudo em um círculo, como uma meditação. Havia um momento inicial de Findhorn, de sintonização, ou se “centrar, onde as pessoas seguravam as mãos e ficavam parados, sem se movimentar. "Eu não gosto disso, meu pai disse. Eu gosto de movimento (risos).

Em 1974 eu tinha publicado um livro que apareceu simultaneamente em vários idiomas, chamado de Dança Sagrada - Encontro com Deuses, um grande livro vermelho com a deusa Kalion na capa – publicado também em português. E Bernhard adotou o nome de “Dança Sagrada” para o tipo de danças que ele estava praticando. Então, de repente, a Dança Sagrada nasceu! Não influenciei isso, eu estava lá apenas para dar o título. Minha contribuição veio muito mais tarde. O contributo de Bernhard era ensinar danças folclóricas que ele escolhia - ele tinha uma preferência de escolha. Quando ele morreu, em 1986, eu não fui mais convidada para Findhorn. Havia uma confusão entre as pessoas, pois muita gente queria saber o que havia de sagrado nessas danças folclóricas.

A menos que você trabalhe por dentro, você não entenderá. Então o pessoal de Findhorn decidiu chamá-las de Danças Circulares. Pois seria mais fácil, não haveria problema de se envolver com a religião. E então eles começaram a chamar as danças que meu pai havia introduzido como Danças Circulares. Enquanto isso, eu continuava indo para a Índia até 1983 - indo e vindo - eu realmente me inspirei pelo fato de que as pessoas comuns poderiam fazer esse tipo de danças. Qualquer pessoa. Então eu disse a mim mesma: "quem sou eu para fazer seu trabalho?" Quero dizer, ele era um profissional toda a vida dele e eu não era, eu aprendi, sim eu poderia fazer alguma coisa, mas não estava realmente preparada. Mas então eu pensei que se as pessoas “normais” conseguiam, eu também poderia. E me senti encorajada. Meu pai sempre dizia antes de morrer: continue, você deveria fazer esse trabalho, o que você está fazendo indo para a Índia? Então eu comecei primeiramente com suas danças e aos poucos comecei a desenvolver meus temas, novas fontes, e então eu expandi seu programa básico.

Questão 2: Bernhard percebeu que era um tempo propício para as Danças Circulares Sagradas (DCS), que havia um interesse e receptividade por parte das pessoas naquele momento. Você considera que atualmente isso ainda é verdadeiro, as pessoas ainda estão abertas e interessadas nesses conhecimentos e experiência?

M- Gabriele: Essa é uma boa pergunta. Porque no final da década de 1960 até meados da década de 1990, quando teve o colapso da União Soviética e a criação da União Europeia havia outras prioridades. O primeiro impulso é sempre mais fresco, vital e nutritivo. Nós éramos todos jovens na época em que esse movimento de dança começou. Às vezes parecia que isso era apenas para pessoas mais velhas. As pessoas mais novas não vêm. Eles talvez tenham outras prioridades. Devemos nos perguntar, por que isso é assim. Pois a oferta é universal e atemporal, mas, de alguma forma, parece que estamos ocupados com outros tópicos, outros impulsos. Então eu decidi pesquisar, filmar e publicar para pessoas que tivessem interesse. Estamos em um período crucial na história e recebemos muitas informações seja da televisão, internet, cinema. A qualidade pode não ser muito interessante, mais ainda existe a necessidade de entender as coisas básicas, isso nunca morrerá.

Por exemplo, alguém que me contou que começou uma fundação nos Estados Unidos chamada “Core of Culture” (O coração da cultura), em que eles vão ao Himalaia e coletam tradições, arte tradicional, que estão morrendo (rituais de cinema, escrituras, tangkas, ensinamentos) e fazem uma espécie de “Arca de Nóe” dessas tradições antes que elas desapareçam. Eles filmam, recolhem as escrituras e ensinamentos. Foi assim que entrei em contato com Prajwal, meu amigo nepalês e professor de Charya. Seu pai lhe disse: "Filho, você deve ir daqui, porque a tradição vai morrer aqui, a não ser que a gente abra. Aqui há muito pouca chance de que ela sobreviva”. O que essas tradições Charya e Veda farão por nós, eu não sei, sendo interpretadas por nós pessoas modernas. Isso também responde a pergunta sobre inspiração: recebo um e-mail, e não sei, mas sinto que tenho que fazer algo.

Eu não vou e busco, a coisa vem até mim. Normalmente é assim. Então eu sei que está tudo bem, porque não estou fazendo nada de errado. Como, por exemplo, o último projeto que acabei de terminar, chamado Ariadne – Transformações na Dança. Há uma professora de dança na Criméia que teve um sonho e, no final do sonho, viu Ariadne escrita no céu. E ela pensou: este será

o nome da minha escola. Então, ela disse para mim: você pode fazer algo com Ariadne? E lentamente, devagarzinho, veio. Então fiz algo muito emocionante, que mexe muito profundamente, porque a figura é muito profunda. Como isso acontece? Eu não sei. Você precisa estar pronto, você tem que dizer sim, seja lá o que for. Algo em você deve ser capaz de dizer sim. O que quer que seja. Você deve se mudar. Alguma coisa em você tem que te tocar. (Risos) E não seja ambicioso!!! Não pense que você é especial, por favor! Somos todos especiais, ou somos todos “nada”. Não importa. Estes são apenas obstáculos. Não é sagrado ser ambicioso. Porque não é você, é algo que vem e você sente que tem que trazê-las.

Questão 3: Você é uma grande pesquisadora, escritora e coreógrafa. Qual é a sua contribuição no processo de co-criação das DCS? As imagens e a literatura fazem parte desse processo de criação? Como seu contato com o Oriente influenciou seu trabalho com as DCS?

M- Gabriele: Eu não sou grande, tire isso (risos). Tenho alguns temas de interesse, certos temas me atraem, você pode descobrir isso lendo minhas publicações. Alguns assuntos me tocam e deciso fazer alguma coisa. Você sabe, é exatamente como a vida é. E então eu tento fazer o meu melhor. Tenho sorte de ter esta editora que publicam qualquer coisa que eu os traga, porque é muito difícil conseguir publicar. Esta editora é pequena, familiar e são muito dedicados. Uma das donas costumava ir às minhas aulas de dança na Suíça.

Uma imagem que sempre me interessou foi a de São Francisco, ele é uma figura espiritual excepcional. Quando ele foi para o Egito em uma de suas cruzadas, ele teve um encontro com um Sutão Sufis e perguntou: "Nós estamos matando um ao outro, mas nós somos amigos, o que estamos fazendo?"

Esta é a essência básica deste trabalho: nos conectarmos além dos limites. Além da nacionalidade. Além da religião. Além do gênero. Além da idade. Além do profissionalismo. Não há espaço para pessoas que precisam ser vistas e admiradas. É uma meditação interna. Se alguém olhar ou não é para o que está sendo mostrado/demonstrado. É uma celebração conjunta. Claro, você precisa estudar para que ocorra uma união harmoniosa. Quanto mais você aprende, quanto mais experiência, menos preconceito você terá, devido a sua experiência. É essencial não simplesmente imitar o que outra pessoa fez, mas

sair e experimentar por si mesmo. Mas antes que você comece a fazer suas próprias coreografias, é essencial que você aprenda a estrutura básica: regras e leis do movimento. Isso muito importante, caso contrário você chegará a um nível muito baixo de criação. Por exemplo, Jung me ajudou muito com seus ensinamentos sobre Arquétipos. Brilhante. Isso me ajudou a me manter centrada em alguns temas básicos, porque existem infinitas possibilidades.

Questão 4: Utilizamos imagens em nosso trabalho, não só para ilustrar, mas também para contar a história da dança circular. Acreditamos que a DCS contribui para a perpetuação de uma tradição das danças em roda. Você acha que essa hipótese é verdadeira? As imagens têm grande influência no seu trabalho?

M- Gabriele: Sim, as imagens são arquétipos como exemplo as heroicas, como a de Ariadne, São Francisco ou Olaf Asteson (um herói Norueguês). Fui até a Sibéria para fazer um filme sobre sua história. Olaf significa no antigo Norueguês “O filho do Ancestral”, é como um nome tribal. Asta significa “amor”, ele é o Filho do Amor, assim como Cristo é o Filho do Espírito, ou Amor. Isso é muito fascinante! Olaf fez uma jornada em que ele vai do inferno ao céu e depois conta a história a todos.

Claro que você precisa contar sua história, você não a guarda com você mesmo. Você tem experiências, usa imagens e formas arquetípicas, formas simbólicas e você se torna um comunicador entre nós aqui e agora e as gerações futuras.

Você precisa ser cuidadoso e autêntico para não se preocupar com você mesmo. Você tem que entender, que se algo assim chegar a você (como as danças ancestrais), você tem que encontrar uma forma de traduzir essa tradição, de uma maneira mais fácil do que a 500 anos atrás, de modo que hoje as pessoas consigam absorver. Somos como um anel na corrente e temos uma tarefa, se rompemos, ficará um buraco. Então é por isso que algumas pessoas, assim como eu, tem essa tarefa de pegar as tradições e dar continuidade. Levando-as para o futuro. Eu sei que você também fará isso e que fará um bom trabalho. Eu posso ver isso. Às vezes, precisamos de um pouco de ajuda e apoio. Você entenderá!

Finalizamos esse pequeno, mas muito rico e precioso bate-papo, com um sincero agradecimento à Maria Gabriele, que tão generosamente nos sedeu seu tempo para responder nossas questões e posteriormente revisar o texto. É uma grande honra ter estado ao lado dessa mulher inspiradora e que tanto tem a contribuir com as Danças Circulares Sagradas. Estamos certas de que esse texto poderá contribuir com pesquisas futuras e com a maior compreensão do grande legado deixado por Bernhard e Maria Gabriele Wosien.

(English version edited by M.-G.Wosien, Munich, 25th August 2017).